



ISSN: 2595.5039

LUANE GARCIA BATISTA

Fonoaudióloga Graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Residente em Urgência e Emergência no Hospital das Clínicas HC-UFG.

E-mail: luanebarbaf@gmail.com.

LARISSA SEABRA TOSCHI

Fonoaudióloga, Mestre em Letras e Linguística pela UFG. Orientadora.

E-mail: larissatoschi@gmail.com

APLICAÇÃO DA METODOLOGIA ATIVA ARCO DE MAGUEREZ EM GRUPO DE ADULTOS COM SÍNDROME DE DOWN

APPLICATION OF THE ACTIVE METHODOLOGY OF ARCO MAGUEREZ IN ADULT GROUP WITH DOWN SYNDROME

APLICACIÓN DE LA METODOLOGÍA ACTIVA DEL ARCO MAGUEREZ EN GRUPO DE ADULTOS CON SÍNDROME DE DOWN

RESUMO: Estima-se que 300 mil pessoas da população brasileira tenham Síndrome de Down. Além das características fenotípicas da síndrome, há problemas linguísticos e cognitivos. O atendimento em grupo propicia um espaço de interação que contribui para o desenvolvimento linguístico e cognitivo. A metodologia ativa do Arco de Maguerez proporciona a reflexão e solução de problemas. **Objetivo:** Aplicar a metodologia do Arco de Maguerez em um grupo de adultos com síndrome de Down. **Métodos:** Foram realizadas duas sessões de uma hora, em um grupo composto por sete pessoas com Síndrome de Down mediado por uma facilitadora. **Resultados:** Em todas as etapas da aplicação do Arco de Maguerez, houve necessidade de intervenção da facilitadora. A mediação fez-se necessária também para organização de ideias mediante uma melhora na estruturação frasal, soluções criativas foram observadas durante as três situações propostas nos encontros. **Conclusão:** O trabalho em grupo, considerado como estratégia de atuação fonoaudiológica se enriqueceu com a utilização de ferramentas de intervenção como o Arco de Maguerez, uma vez que o grupo, auxiliado pela mediadora chegou a soluções simples, porém efetivas e eficientes.

Palavras chaves/descritores: Síndrome de Down, Arco de Maguerez, Cognição, Atendimento grupal, Metodologias ativas, Aprendizagem.

ABSTRACT: It is estimated that 300 thousand people in Brazil have Down syndrome. Besides the phenotypic traits of the Down syndrome, there are also cognitive and linguistics problems among these individuals. Group assistance provides a better means of inter-action that contributes to the cognitive and linguistic development of Down Syndrome individuals. The Active methodology in the Marguerez Arch provides a better reflection and solutions for problems found during therapy. **Objectives:** Apply the methodology of Marguerez Arch in a group of adults with Down Syndrome. **Methods:** Mediated by a facilitator, two therapy sections were performed in a group of seven adults with Down Syndrome during a period of one hour. **Results:** During the application of the Marguerez Arch, there was the necessity of the facilitator intervention throughout the whole section. This mediation was also necessary to organize ideas in order to better improve the phrase structures. Also, creative solution for problems were observed during the three proposed situations **Conclusion:** Group therapy, as far as strategy performance in language-speech therapy is concerned, improved participants learning when using intervention tools such as the Marguerez Arch. Group therapy, aided by a facilitator achieved more simple, effective and efficient solutions for the proposed problems.

Key words: Down Syndrome, Marguerez Arch, Cognition, Group therapy, Active methodologies, Learning.

RESUMEN: Se estima que 300,000 personas en la población brasileña tienen síndrome de Down. Además de las características fenotípicas del síndrome, existen problemas lingüísticos y cognitivos. La atención grupal proporciona un espacio para la interacción que contribuye al desarrollo lingüístico y cognitivo. La metodología activa del Arco de Maguerez proporciona reflexión y resolución de problemas. **Objetivo:** Aplicar la metodología de Maguerez Arco en un grupo de adultos con síndrome de Down. **Métodos:** Se realizaron dos sesiones de una hora en un grupo de siete personas con síndrome de Down mediado por un facilitador. **Resultados:** En todas las etapas de la aplicación del Arco de Maguerez, fue necesaria la intervención del facilitador. La mediación también fue necesaria para la organización de ideas a través de una mejora en la estructuración de la frase, se observaron soluciones creativas durante las tres situaciones propuestas en las reuniones. **Conclusión:** El trabajo grupal, considerado como una estrategia de terapia del habla, se enriqueció con el uso de herramientas de intervención como el Arco de Maguerez, ya que el grupo, asistido por el mediador, presentó soluciones simples, pero efectivas y eficientes.

Palabras clave: Síndrome de Down, Arco de Maguerez, Cognición, Atención grupal, Metodologías activas, Aprendizaje.

1. INTRODUÇÃO

Para Bruoni (*apud* Scudeller e Castro, 2013), a Síndrome de Down é uma desordem genética que consiste em uma alteração cromossômica resultando na duplicação do material genético referente ao cromossomo 21.

A estimativa da Síndrome de Down (SD) é de aproximadamente 1 para cada 600 nascidos. Segundo o IBGE (2015), estima-se que 300 mil pessoas da população brasileira tenham Síndrome de Down. Além das características fenotípicas da Síndrome de Down, Delgado (2016) destacou a presença de hipotonia muscular, atraso cognitivo, problemas metabólicos e de audição. Esses indivíduos possuem capacidade para aprender, entretanto, necessitam de um meio facilitador para melhor compreensão.

Outra característica peculiar é a que envolve a defasagem no desenvolvimento linguístico e motor, o atraso na fala, bem como a defasagem em todo processo de comunicação, que depende de fatores relacionados à interação social. Para Ragel e Ribas (2011), o indivíduo com SD possui déficits temporais em relação ao aparecimento da aquisição de cada aspecto formador da linguagem, podendo alguns aspectos estarem mais comprometido do que outros.

Para Scudeller e Castro (2013), pessoas com a SD apresentam um déficit intelectual entre leve e moderado. A função intelectual pode ser limítrofe ou até mesmo na faixa médio-baixa, e apenas alguns podem apresentar deficiência mental severa.

A cognição da pessoa com Síndrome de Down é, segundo Ulson (2005) marcada por pontos de vistas pré estabelecidos, devido a síndrome ter sido por muito tempo estereotipada com concepções errôneas, como se quem tivesse a síndrome fosse incapaz de conseguir se desenvolver. Desta forma, trivializam o que envolve a prática nas terapias e na educação.

Bissoto (2005) esclarece que a SD provoca variações físicas, clínicas e como também variações nas capacidades cognitivas, podendo ocorrer alterações de memória visual, auditiva de curto prazo e dificuldades lógico-matemáticas.

No processo cognitivo da SD, o que é vivenciado de forma concreta por meio das experiências tem mais chances de ser lembrado. Segundo a autora (*op.cit*) a ação aplicada em pessoas com a SD deve considerar as necessidades de aprendizagem, bem como as especificidades da síndrome.

É preciso atenção no que diz respeito a maneira de conduzir o aprendizado na Síndrome de Down, pois esse cuidado será preponderante na aquisição de um bom

conhecimento. É imprecindível escolher uma metodologia de atuação que permita às pessoas com SD construirem conhecimento utilizando todo seu potencial.

Para Diesel, Baldez e Martinz (2017), as metodologias ativas deslocam a perspectiva de quem transmite o conteúdo para quem aprende, sendo o aprendizado não ensinado por um outrem, mas sim pela interação dos sujeitos, suas palavras, ações e reflexões. No método ativo os participantes ocupam o centro das ações educativas e o conhecimento é construído de forma colaborativa. É possível pensar que a metodologia ativa pode auxiliar os indivíduos a construírem seu aprendizado, visto que é uma metodologia que promove participação ativa, envolvendo a todos que estão inseridos. Na metodologia ativa, a personagem principal é quem aprende, esse se torna responsável pela construção de seu aprendizado.

Colombo e Berbel (2007) explicam que o Arco de Maguerez é uma metodologia ativa criada pelo francês Charles Maguerez na década de 70 no século XX, constituindo-se como uma metodologia de problematização que tornou-se pública a partir de 1977. É utilizado como um caminho de educação problematizadora, inspirado em Paulo Freire e vem sendo estudada por Berbel e colaboradores desde 1994.

O Arco de Maguerez traz a possibilidade de reflexão acerca de uma problematização, de forma que os saberes sejam construídos de uma maneira crítica e reflexiva. Rocha (2008) esclarece que o conhecimento resulta da reflexão e da prática, por meio de estudos que se baseiam na ação- reflexão- ação.

Conforme ressalta a autora (*op.cit*), a metodologia ativa problematizadora resolve problemas reais a partir do estudo do grupo, através da observação da realidade, identificação dos problemas (pontos-chaves), teorização, hipóteses de solução (planejamento) e aplicabilidade (execução da ação). Desta maneira, fecha-se o ciclo do Arco de Maguerez. Os problemas debatidos contribuem para além do processo de aprendizado, pois interferem na formação social do indivíduo. Por esta razão, acredita-se que a metodologia ativa problematizadora que será abordada neste trabalho, quando aplicada em grupo, pode surtir bons resultados, mobilizando e estimulando os saberes.

Granzotti *et al.* (2015) evidencia que o fonoaudiólogo por muito tempo trabalhou apenas em práticas assistencialistas e reabilitadoras, focada no diagnóstico de doenças e no atendimento individual, condição inerente dos serviços privados. Entretanto, a sociedade atual passou a exigir um profissional que trabalhe com a coletividade, exercendo trabalhos grupais, com o fonoaudiólogo mais próximo da realidade social. No curso de

Fonoaudiologia, o discente é capacitado para desenvolver trabalhos grupais, podendo então fazer uso de metodologias ativas.

As metodologias ativas já são utilizadas em alguns cursos de graduação em Fonoaudiologia. Entretanto, nesta pesquisa, objetiva-se investigar a utilização da metodologia ativa problematizadora do Arco de Maguerez como ferramenta de trabalho em terapia grupal para adultos com Síndrome de Down do LabLin (Laboratório de Linguagem), do curso de Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, demonstrando a aplicabilidade em grupo terapêutico de suas informações. Na teorização as problemáticas serão analisadas, fundamentadas, embasadas e discutidas, buscando explicações acerca da realidade observada e a compreensão de pontos-chaves até a obtenção de soluções.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Cognição e aprendizado

A SD é uma das causas mais conhecidas da deficiência intelectual e seu baixo desempenho cognitivo está associado, conforme Mecca *et al.* (2015), a déficits no comportamento adaptativo.

Segundo Vital *et al.* (2015), pessoas com SD apresentam atraso em seu desenvolvimento neuropsicomotor com diversos prejuízos nas funções cognitivas. Apresentam deficiência intelectual em algum grau, definida pela incapacidade caracterizada por limitações significativas, tanto no funcionamento intelectual quanto no comportamento adaptativo expresso em habilidades conceituais, sociais e práticas.

Entretanto, os autores (*op.cit*) enfatizam que por mais que sejam inúmeras as alterações no desenvolvimento global da pessoa com SD, o prognóstico é variado e não há como predeterminar até que estágio uma pessoa com a síndrome irá se desenvolver. Por mais que seja difícil mensurar e qualificar o desenvolvimento de todos como um todo, quanto mais estímulos e ferramentas de aprendizagem esses indivíduos utilizarem, maiores serão seus recursos para o aprendizado.

Em relação às habilidades das pessoas com SD, os melhores resultados ocorrem em tarefas visuais, defendem Mecca *et al.* (2015). Tais resultados perpassam pelo sucesso das experiências de aprendizagem, permitindo a aquisição e solidificação de conhecimentos adquiridos a partir de situações tanto formais ou informais de aprendizagem relacionadas à vivência de cada um.

Segundo Bissoto (2005), pessoas com a SD possuem dificuldades em suas habilidades de processamento auditivo e déficit em sua memória auditiva de curto-prazo, mesmo quando minimizadas as distrações auditivas e visuais. Porém, a memória visual é mais desenvolvida, podendo então ser mais estimulada por meio de recursos visuais. Esses indivíduos apresentam dificuldades lógico-matemáticas, possuem uma crescente estratégia de fuga quando confrontados no que se diz respeito à aprendizagem de novas habilidades e apresentam alta dependência de outros para desenvolverem as habilidades sociais, como também crescente relutância para tomar iniciativa em situações de aprendizagem rotineiras. Do mesmo modo, as pessoas com SD possuem necessidades próprias de aprendizagem devidas suas características específicas.

O atendimento grupal

O atendimento grupal fonoaudiológico, segundo Zeberto e Batista (2016) é aquele que inclui mais de duas pessoas no mesmo horário e local, assistidas pelo mesmo fonoaudiólogo. Portanto, o que diferencia o atendimento em grupo de outros é a quantidade de pessoas, levando em conta a faixa etária e/ou a patologia. Quando se trata de um grupo terapêutico, a tarefa é resolver um denominador comum do grupo, que adquire características particulares em cada participante.

Conforme Araújo e Freire (2011) o grupo é considerado o contexto sociocultural "apropriado" para o incremento linguístico, que se torna forte gerador e propulsor de atividades linguísticas e sociais pelo qual o trabalho com a linguagem pode ser otimizado. Para que ocorra esse incremento linguístico de forma rápida e eficiente, é preciso que seja formulada a necessidade do uso da linguagem, o que é, por si só, intrínseco ao andamento do grupo enquanto contexto terapêutico e atividade social.

O trabalho grupal no atendimento aos pacientes fornece a possibilidade de perceber a linguagem do grupo, suas atitudes e a si mesmo pelo movimento de uma outra pessoa, provocando um deslocamento determinante no processo terapêutico. Segundo Araújo e Freire (2011), desta forma a dinâmica grupal se configura com suas particularidades e sem interferência, a priori, da terapeuta.

Corrêa (*apud* Zeberto e Batista 2016) resaltam que na área da Fonoaudiologia, o predomínio é de um modelo clínico, com relações unitárias entre o terapeuta e o paciente, não obstante, os atendimentos com caráter grupal também têm sido utilizados desde a década de 1980. No Brasil, esse tipo de abordagem foi proposto nos serviços públicos para

auxiliar no aumento da demanda para atendimento nas Unidades Básicas de Saúde. Os grupos passaram a ser utilizados para assistir um número maior de pessoas. Na Fonoaudiologia, segundo os autores (*op.cit*), existem mais trabalhos grupais publicados na área da linguagem.

Conforme Laplane *et al.* (2007), o trabalho grupal consiste em um meio de ir além e de romper com a concepção que reduz a reabilitação e a terapia a um conjunto de ações destinadas a promover a saúde de determinado órgão ou função. A interação é assim concebida como espaço de relações dialógicas, entendidas como a imbricação da linguagem, a ação e a consciência humana, que implicará sobre o outro.

A interação social tem conceito amplo e, segundo Laplane *et al.* (2007), não se determina apenas face a face e sempre ocorre em espaço social definido ou de uma instituição. Desse modo, a base do trabalho grupal permeia a ideia de que o ser humano se desenvolve e aprende na interação social. A interação é compreendida de maneira ampla porque extrapola a situação circunscrita pelos intercâmbios verbais interpessoais.

O Arco de Maguerez

Segundo Bordenave (*apud* Vieira *et al*, 2014), a metodologia ativa é uma concepção educativa que permite processos de ensino-aprendizagem crítico-reflexivos, nos quais o indivíduo participa e se compromete com seu aprendizado. O método propõe a formulação de situações de ensino que permitem uma aproximação crítica de quem aprende com a realidade; a reflexão sobre problemas que geram curiosidade e desafio; a disponibilização de recursos para pesquisar problemas e soluções; a identificação e organização das soluções hipotéticas mais adequadas à situação e a aplicação dessas soluções

O Arco de Maguerez é uma metodologia ativa e recebe este nome devido suas cinco etapas de funcionamento que começam e terminam na realidade. Segundo Vieira *et al.* (2014), o método do Arco de Maguerez é constituído das seguintes etapas: observação da realidade, pontos-chave, teorização, hipóteses de solução e aplicação da realidade.

Viera *et al.* (2014) descreve as cinco etapas do Arco de Maguerez: A *primeira etapa* observa a realidade, tem seu ponto de partida na realidade vivenciada pelo indivíduo acerca do problema levantado. O processo de ensino e aprendizagem se relaciona com aspectos

que a pessoa observa com detalhes, expressando o que percebe e realiza uma leitura da realidade.

A *segunda etapa* é constituída pelo levantamento dos pontos-chaves, em que seleciona o que é relevante e essencial para a representação da realidade observada, considerando todos os fatores, identificando as variáveis que podem contribuir para a compreensão e solução do problema.

A *terceira etapa* de teorização é o momento em que as informações precisam ser analisadas, fundamentadas, embasadas, discutidas, buscando explicações acerca da realidade observada e a compreensão dos pontos-chaves, e possibilita algumas conclusões que viabilizarão a etapa seguinte. Para auxiliar nesta etapa são disponibilizados suporte teórico aos participantes, contribuindo com o processo de teorização.

Na *quarta etapa*, elaboram-se as hipóteses para a solução dos problemas levantados, estimula-se a elaboração criativa do maior número de possibilidades, de alternativas, de hipóteses de solução, dentre as quais serão selecionadas, de acordo com as discussões em sala de aula, as que serão aplicadas à realidade na última etapa. Cabe ressaltar que as hipóteses devem ser construídas a partir da profunda compreensão do problema, utilizando-se a criatividade e originalidade dos estudantes, para buscar novas maneiras para a resolução desses. Durante o desenvolvimento desta etapa, deve-se atentar para a exequibilidade da proposta considerando sua eficiência, sua eficácia e sua efetividade.

A *quinta etapa* se refere à aplicação das hipóteses à realidade, aplica-se as soluções eleitas como viáveis e a pessoa aprende a generalizar o aprendido para utilizá-lo em diferentes situações, permitindo que ele saia do âmbito intelectual e volte a sua realidade, aplicando uma resposta ao problema levantado, buscando transformá-lo de alguma maneira.

3. METODOLOGIA

O presente estudo configura-se como um estudo qualitativo, descritivo e transversal. A investigação será norteada pelo método indutivo, que parte de enunciados particulares para uma conclusão geral.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa - CEP da instituição PUC-GO sob protocolo nº 86190418.0.0000.0037 e iniciada somente após a leitura e aprovação, por parte dos responsáveis, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Participaram da pesquisa uma amostra constituída por 7 adultos com Síndrome de Down (4 participantes do sexo masculino e 3 do sexo feminino), com idade cronológica entre 27 e 48 anos, frequentadores do Laboratório de Linguagem (LabLin) do curso de Fonoaudiologia, da Escola de Ciências Sociais e Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

O Laboratório de Linguagem é um projeto de extensão do curso de Fonoaudiologia da PUC Goiás que possui dois grandes públicos: pessoas com necessidades educativas especiais (organizados em grupos a partir de dois critérios: patologia/síndrome e/ou desenvolvimento cognitivo e linguístico), e estagiários do curso de Fonoaudiologia da PUC/GO.

Os atendimentos são grupais e os programas de trabalho são organizados a partir do desenvolvimento linguístico-cognitivo dos usuários e/ou a partir de grupos específicos. Um trabalho específico é desenvolvido em cada programa durante um semestre, de acordo com as possibilidades intelectuais, cognitivas e sociais de cada grupo.

Para a seleção dos sujeitos, foi considerado como critério de inclusão: ser participante assíduo do Laboratório de Linguagem do grupo 01 (grupo composto por 7 pessoas com SD). Este grupo frequenta atividades grupais específicas de linguagem e cognição há mais de dez anos.

Para a obtenção das informações empíricas, foi aplicada a metodologia ativa do Arco de Maguerez em 2 sessões gravadas de 1 hora cada. A sessão foi mediada pela pesquisadora, transcrita e posteriormente analisada.

A análise considerou a necessidade de intervenção da facilitadora, presença de soluções surpreendentes e apresentações de soluções pelo grupo.

RESULTADOS E ANÁLISE

Foram realizados 2 encontros de 1 hora no LabLin com 7 adultos com SD. Três situações-problemas foram trabalhadas: A primeira situação abordava a existência de uma árvore impedindo a passagem de carros no meio de uma estrada; a segunda situação

englobava direitos do consumidor mediante a compra de um produto vencido, e a terceira situação dizia respeito a cuidados com o meio ambiente, com a problemática do lixo.

Na *primeira etapa* ocorreu a observação da realidade. Os problemas levantados foram apresentados com a utilização de recursos visuais/concretos, recursos tecnológicos (slides), dramatização das situações e experiência da realidade. Foi necessária constante intervenção da facilitadora para que o grupo pudesse observar os detalhes das situações-problemas trazidas como o ocorrido nesta situação:

Facilitadora: O que vocês estão vendo?

Grupo: Rua.

Facilitadora: Sim, mas o que tem de diferente/estranho no meio dessa rua?

Sujeito 1: Uma cidade.

Sujeito 2: Uma casa.

Sujeito 3: Uma árvore.

Facilitadora: Observem bem, se trata de uma árvore, que está impedindo que os carros passem por ela, a árvore está ocupando todo o caminho por onde os meios de transporte deveriam passar.

Na primeira situação, a percepção do que foi observado pelo grupo não foi clara no primeiro momento, porém, após indagações da terapeuta e dos participantes ocorreu uma melhor leitura da realidade. Por outro lado, na segunda e terceira situação essa percepção foi mais rápida, provavelmente devido o fato de tais temas terem sido abordados anteriormente em outras circunstâncias.

Na *segunda etapa*, foram alavancados os pontos-chaves através dos levantamentos realizados pela facilitadora, e foi mediante aos questionamentos da terapeuta que o grupo conseguiu formular os pontos-chaves. Foi indagado sobre a importância das três situações propostas, e assim levantadas as variáveis de cada problema, como o ocorrido em:

Facilitadora: Se a menina se alimentar do alimento vencido o que pode acontecer?

Sujeito 2: Se tomar adoece.

Sujeito 4: Joga fora o leite.

Sujeito 5: Diarréia.

Facilitadora: Então se ela tomar ela vai passar mal, o que ela vai ter que fazer então?

Sujeito 1: Chamar alguém.

Na primeira situação (da árvore), foi necessária maior interferência da terapeuta, sendo preciso um uso maior de indagações e de exemplos sobre o problema abordado. A melhora na compreensão a partir da utilização de materiais concretos, reforça o relatado por Mecca *et al.* (2015), que quando fornecido os recursos visuais os resultados, surgem mais facilmente. Na segunda situação, foi necessário um número menor de momentos de intervenção. O grupo interagiu melhor, levantando os pontos importantes das situações propostas. Porém, a intervenção da facilitadora foi necessária em todos os momentos.

Na *terceira etapa* ocorreu a teorização. O que foi apresentado pela terapeuta e trazido pelo grupo foi analisado, fundamentado, embasado e discutido através de demonstrações e questionamentos, observando os pontos-chaves levantados. A participação do grupo ocorreu em sua maior parte pela intervenção da facilitadora e as respostas do grupo surgiam por intermédio de questionamentos. A atuação grupal ocorreu principalmente com o uso de palavras isoladas e, às vezes, gestos. Foi necessário que a terapeuta retomasse as palavras e as organizasse em frases, devolvendo a ideia reformulada para o grupo, pois esses indivíduos possuem dificuldades na estruturação frasal como o ocorrido nas situações:

Situação 1:

Sujeito 4: Coluna.

Facilitadora: Fazer uma coluna para os carros passarem?

Sujeito 4: Sim.

Facilitadora: Mas como seria essa coluna? Me mostra ai na imagem.

Sujeito 4: De tijolo (Demonstra por gestos o que pretende na imagem).

Facilitadora: Então, você pensa em uma estrada por cima da árvore, seria isso?

Grupo: Sim.

Situação 2:

Terapeuta: Quem a menina deve procura no supermercado além do gerente?

Sujeito 7: Chama polícia.

Terapeuta: Muito bem! Se o gerente ou a mulher do caixa não cumprir com a lei, temos que chamar a polícia e reivindicar nossos direitos.

Na primeira situação foram utilizados o suporte teórico e a representação de imagens em recortes e miniaturas (concreto), que contribuíram para teorização. Na segunda situação foi utilizado suporte teórico, dramatização da situação, uso de embalagens e cédulas (materiais concretos). O levantamento foi feito de forma mais fácil e por boa parte dos membros do grupo, provavelmente por essa temática ter sido trabalhada em sessões anteriores. Na terceira situação foram utilizados os recursos teórico, tecnológico e experiência da realidade.

Na quarta etapa foram elaboradas as hipóteses, quando as propostas para solucionar os problemas apareceram. A terapeuta interviu quanto à formulação destas hipóteses, que mesmo quando trazidas pelo grupo era necessário organizar o pensamento e devolvê-las ao grupo.

Algumas propostas foram bem criativas sendo algumas delas surpreendentes, como o ocorrido nestas situações:

Situação 1:

Terapeuta: O que podemos fazer para liberar a estrada sem prejudicar a árvore?

Sujeito 1: A gente pode tirar essa árvore daqui e plantar em outro lugar.

Terapeuta: Muito bem! Palmas para colega, isso a gente chama de replantar.

Situação 2:

Sujeito 1: Quando passear com o cachorro limpar a sujeira que ele fez no chão.

Terapeuta: Ótimo! Essa é uma medida para mantermos nosso meio ambiente limpo.

Desta forma apareceram boas soluções, obtendo um bom número de possibilidades criativas e originais, a fim de buscar novas maneiras para a resolução dos problemas.

Durante esta etapa, nas três situações foi proposto que eles se atentassem para as melhores propostas, considerando sua eficiência, eficácia e efetividade. Todos participaram, apesar da necessidade de convocar alguns do grupo, pois não apresentaram hipóteses de forma voluntária. Com a condução e auxílio do grupo, houve participação efetiva de todos, como assegura Laplane et al. (2007), é na interação social que se extrapola a compreensão de maneira ampla do que era abordado.

Na quinta etapa, o grupo alavancou as melhores hipóteses. As soluções das hipóteses não foram aplicadas. O grupo escolheu a melhor medida a ser tomada para cada situação. Nas três situações o grupo se ajudou mutuamente chegando à conclusão de soluções criativas, ressaltando o posicionamento de Araújo e Freire (2011) no que se refere ao contexto sociocultural para o incremento linguístico de forma mais rápida e eficiente. A aplicação foi substituída por planejamento e discussões para que eles levassem a conclusão para casa e outros ambientes, como pode ser observado no fragmento a baixo:

Facilitadora: O que fazer para ajudar o meio ambiente daqui para frente?

Sujeito 7: Desligar TV da tomada.

Sujeito 6: Reaproveitar a água suja.

Sujeito 3: Jogar o lixo no lixo.

Conforme defende Diesel *et al.* (2017), o uso da metodologia ativa do Arco de Maguerez contribuiu no processo do trabalho grupal, deslocando a perspectiva de quem transmite para aquele que aprende o conteúdo, ocorrendo interação entre todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sustentação do interesse por trabalhos grupais se justifica pelos resultados como o alcançado neste trabalho: saber que esta modalidade de atuação clínica pelo fonoaudiólogo pode trazer grandes contribuições para a Fonoaudiologia.

O trabalho em grupo, considerado como estratégia de atuação fonoaudiológica se enriquece com a utilização de ferramentas de intervenção como o Arco de Maguerez.

É evidente que em decorrência dos déficits apresentados pelo grupo, a colaboração na instrução e na condução do processo do Arco pela mediadora faz-se imprescindível. Contudo, a riqueza da intervenção grupal minimiza uma série de dificuldades individuais.

A aplicação do Arco de Maguerez e a resolução das situações-problema reforçam a literatura, no sentido da necessidade do recurso visual para auxiliar na aprendizagem.

Acreditamos que três pontos podem ser destacados como fundamentais para os resultados obtidos: o primeiro, decorrente do fato de ser um grupo que trabalha há um tempo com habilidades linguísticas. O segundo diz respeito à utilização de recursos visuais

para auxiliar na compreensão das temáticas abordadas. O terceiro, a intervenção verbal da mediadora, que possibilitou o levantamento de hipóteses, seguida de proposta de solução.

A despeito da necessidade de intervenção em todas as etapas do Arco de Maguerez, considera-se que o objetivo foi alcançado, uma vez que o grupo, auxiliado pela mediadora chegou a soluções simples, porém efetivas e eficientes.

4. REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Manuela Luchesi Brazil; FREIRE, Regina Maria Ayres de Camargo. Atendimento fonoaudiológico em grupo. **CEFAC**. São Paulo, v.13, 2011, n.2. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462011000200019&lang=pt>. Acesso em: 4 abr. 2018.
- BISSOTO, Maria Luísa. Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizado do portador de Síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. **Ciências e Cognição**. São Paulo, v. 04, 2005. Disponível em:<<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/rfe/article/view/2363/2635>> Acesso em: 08 abr. 2018.
- COLOMBO, Andréa; BERBEL, Neusi. A Metodologia da Problematização com o Arco de Maguerez e sua relação com os saberes de professores. Londrina, **Ciências Sociais e Humanas**, Paraná, v. 28, n.2, 2007. Disponível em:<http://www.sgc.goiás.gov.br/upload/links/arg_390_ametodologiadaproblematizacaocomoarcodemaguerez.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2018.
- DIESEL, Aline, BALDEZ, Alda Leila Santos, MARTINS, Silvana Neuman. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Thema**, Rio Grande do Sul v. 14, n. 1, 2017. Disponível em:<<http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/viewFile/404/295>>. Acesso em: 23 mar. 2018
- GRANZOTTI, Raphael; SILVA, Kelly; DORNELAS, Rodrigo *et al.* Situação-problema como disparador do processo de ensino-aprendizagem em metodologias ativas de ensino. **CEFAC**, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v17n6/1982-0216-rcefac-17-06-02081.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- IBGE– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015. Dia internacional da Síndrome de Down- 2015. Brasília: IBGE. Disponível em:<<http://www.blog.saude.gov.br/index.php/35318-dia-internacional-da-sindrome-de-down>>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- LAPLANE, Adriana L.F; BATISTA, Cecília Guarnieri; BOTEGA, Marilda B. Serrano. Grupo de avaliação e prevenção de alterações de linguagem. In: **Abordagens Grupais em Fonoaudiologia**: Contextos e aplicações. Plexus, São Paulo, 2007.

MECCA, Tatiana Pontrelli; MORÃO, Cindy Pereira de Almeida Barros; SILVA, Patrícia Botelho; MACEDO, Elizeu Coutinho. Perfil de Habilidades Cognitivas Não-Verbais na Síndrome de Down, rev. **Brasileira de educação especial**, São Paulo, v.21 n. 2. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382015000200213>. Acesso abr. 2018.

RAGEL, Denise I; RIBAS, Letícia P. **Características da linguagem na síndrome de Down: Implicações para a comunicação.** Conhecimento, Porto Seguro, 2011. Disponível em: <<http://www.feevale.br/site/files/documentos/pdf/58652.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2018

ROCHA, Rosana. **O Método da Problematização: Prevenção às Drogas na Escola e o Combate a Violência.** Londrina, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/552-4.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2018.

SCUDELLER, Eloisa Vasconcelos; CASTRO, Paulo Francisco. **Avaliação de inteligência em crianças com Síndrome de Down a partir dos dados do WISC III: Estudo de caso.** rev. Educação v. 8 n.1, p 25. São Paulo. 2013. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/1390>>. Acesso em: 10 mar. 2018

ULSON, Edmundo. **Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de síndrome de Down:** revendo concepções e perspectivas educacionais. Ciências e cognição São Paulo, 2005. Disponível em:< <http://www.cienciasecognicao.org>>. Acesso em: 12 mar.2018.

VIEIRA, Giovane Oliveira; APERIBENSE, Pacita Geovana Gama de Sousa; CURTINHAS, Susana. **Adaptação do Arco de Maguerez como ferramenta de ensino-aprendizagem na prática do acadêmico de Enfermagem.** Buenos Aries, 2014. Disponível em: <<http://www.oei.es/historico/congreso2014/memoriactei/887.pdf>>. Acesso em: 22 de mar. 2018.

VITAL, Andréa Aparecida Francisco; MICCAS, Camila; DUARTE, Perez Cintia *et al.* **Avaliação de alunos com síndrome de Down: aspectos cognitivo-lingüísticos, educacionais e funcionais. Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872015000300014>. Acesso em: 16 abr. 2018.

ZEBERTO, Amanda Brait; BATISTA, Cecilia Guarnieri. **Abordagem grupal para avaliação de alterações de linguagem em crianças pequenas.** São Paulo, 2016. 28^a ed. Disponível

em:<<http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n1/1413-8123-csc-21-01-0203.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2018.